

***Fast fashion e slow fashion:* o paradoxo e a transição**

Fast Fashion and Slow Fashion: the Paradox and the Transition

Marina Coutinho¹
Graziela Brunhari Kauling²

DOI: 10.19177/memorare.v7e3202083-99

Resumo: A contemporaneidade é caracterizada por mudanças constantes em todos os aspectos da sociedade. O presente artigo objetiva analisar a transição paradoxal entre os fenômenos sociais do *fast fashion* como reflexo da era moderna e o *slow fashion* como uma reação pós-moderna. Para essa reflexão, são estudados os conceitos de Saturação de Michel Maffesoli e da Bacia Semântica de Gilbert Durand, ambas teorias do imaginário. A metodologia de pesquisa se faz pela abordagem compreensiva, que visa descrever o vivido reconhecendo no cotidiano a força da potência social. O *Fashion Revolution* traz, com a metáfora do fluxo das águas de Durand, o exemplo desse movimento cíclico. O estudo sugere que a transição é um processo permanente e contínuo, porém inconstante, imprevisível e não linear.

Palavras-chave: *Fast Fashion. Slow Fashion.* Sociologia compreensiva.

Abstract: Contemporaneity is characterized by constant changes in all aspects of society. The present article aims to analyze the paradoxical transition between social phenomena, bringing fast fashion as a reflection of the modern era and slow fashion as a postmodern reaction. For this reflection are studied the concepts of Saturation of Michel Maffesoli and the Semantic Basin of Gilbert Durand, both theories of the imaginary. The methodology of research is done by the comprehensive approach, which aims to describe the lived recognizing in everyday life the power of social power. Fashion Revolution brings, along with the Durand water flow metaphor, the example of this cyclical movement. The study suggest that the transition is a permanent and continuous process, however inconstant, unpredictable and non-linear.

Keywords: Fast Fashion. Slow Fashion. Comprehensive sociology.

¹ Técnica em Vestuário pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Graduada do Superior em Tecnologia de Design de Moda pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Araranguá, Santa Catarina, Brasil. E-mail: marina.c_13@hotmail.com.

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC), Araranguá, Santa Catarina, Brasil. E-mail: graziela@ifsc.edu.br.

1 Introdução

O presente artigo, motivado pelo atual contexto acelerado de mudanças constantes em todos os aspectos da sociedade, objetiva estudar a transição entre os sistemas *slow fashion* e *fast fashion* enquanto fenômenos sociais contemporâneos, tendo como exemplo o movimento *Fashion Revolution*.

A relevância deste trabalho está em refletir sobre os paradoxos do *fast fashion*, sistema de produção acelerado e consumo de moda difundido mundialmente, em contraste com o *slow fashion* que vem crescendo como maior resposta ao sistema dominante e suas consequências negativas, observando as relações de causa e consequência entre ambos. Além disso, o interesse pelo tema se deve ao crescente incentivo acadêmico e social para o estudo da moda e suas práticas vinculadas à sustentabilidade.

A metodologia de pesquisa é realizada sob uma abordagem compreensiva, a qual entende que a subjetividade e as questões empíricas da sociedade são relevantes, não havendo verdades absolutas, já que tudo deve ser analisado levando em consideração o seu contexto. Como objetivos desta pesquisa, faz-se necessário entender a sociedade contemporânea, bem como realizar uma reflexão sobre o *fast fashion* atribuído a um reflexo da era moderna, industrial e progressista, e o *slow fashion* como uma das reações pós-modernas aos problemas decorrentes da modernidade. De forma complementar, para o entendimento da reflexão proposta, são abordados conceitos dos sociólogos franceses, sendo eles a “saturação” de Michel Maffesoli (2011) e “bacia semântica” de Gilbert Durand (2012), ambas teorias do imaginário. Reflete-se sobre o que ocorre no momento de transição entre o fenômeno *fast fashion* ao *slow fashion*, que acontece de forma contundente na contemporaneidade, abrange todos os âmbitos sociais e tem relações claras de causalidade entre os fenômenos envolvidos.

Por fim, o momento paradoxal em análise apresenta o *Fashion Revolution* como exemplo da metáfora do fluxo das águas de Durand. Fenômenos como o *slow fashion* e o *Fashion Revolution* evidenciam cada vez mais que uma outra corrente está em formação. No entanto, é difícil afirmar se essas efervescências de viés sustentável serão legitimadas ou apagarão suas chamas no decorrer do percurso, visto que esses ciclos não são lineares.

2 Referencial teórico

O presente estudo inicia-se observando a sociedade contemporânea e seus processos de mudança, vinculando à sociologia do imaginário por meio das abordagens de “saturação” de Michel Maffesoli (2011) e da “bacia semântica” de Gilbert Durand (2012). Na sequência, apresentam-se as relações entre *fast fashion* e a era moderna, bem como as aproximações do *slow fashion* com a era pós moderna, estabelecendo uma visão paradoxal entre ambas.

2.1 Sociedade Contemporânea

A humanidade passa por processos de mudança desde o início da sua existência. Alguns mais bruscos, outros nem tanto; uns duradouros e

outros mais rápidos. Tudo pode ser verificado na história, cujas interligações e relações de causalidade nem sempre são claras. Logo, “a história da moda está inserida no próprio desenvolvimento da humanidade e, conseqüentemente, na evolução e mudança de costumes” (FEGHALI, 2000, p. 37). Segundo Maffesoli (2010c, p. 23), sociólogo francês que trabalha sob a perspectiva da sociologia do Imaginário, “é preciso ver bem para trás, para poder ver muito a frente. E perceber que, o que está germinando permite compreender seu florescimento”. Sendo assim, estudos sobre fenômenos contemporâneos podem ser muito enriquecidos, tendo como base também, uma análise histórica e sociológica. Esse percurso revela o fenômeno que Maffesoli (2010c, p. 12) denomina de Saturação. Para ele, se trata de um processo

quase químico, que dá conta da desestruturação de um dado corpo e que é seguida pela reestruturação desse corpo com os mesmos elementos daquilo que foi desconstruído. Trata-se portanto de uma estrutura antropológica que se encontra na filosofia, na literatura, na política e também na existência cotidiana, que é essa relação íntima e constante entre a “*pars destruens*” e a “*pars construens*”. Aquilo que, em todas as coisas, se destrói e se reconstrói. Vida e morte ligadas numa combinação íntima e infinita.

O autor complementa afirmando que isso acontece nos momentos em que, “em seguida a uma aceleração ou uma intensificação da energia, o corpo (físico, social, individual, místico) alcança seu apogeu. Que, por um curioso paradoxo, inverte-se em hipogeu” (MAFFESOLI, 2010c, p. 21). Trata-se de um retorno às raízes para uma construção futura. O mundo se desenrola em formato de espiral, numa construção, desconstrução e reconstrução contínua. São exemplos dessa saturação as relações paradoxais de causalidade entre a modernidade e a pós-modernidade.

O período moderno ganhou força a partir da Revolução Industrial e “ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-se, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi em particular, uma característica das metrópoles modernas” (MAFFESOLI, 2010b, p. 153). Esse período histórico tem mudanças ao se tratar do indivíduo em si, e a sua relação pessoal com o ambiente que o cerca, tomando para si o papel de dominador e independente, tendo ao mesmo tempo o surgimento de novas possibilidades de relações sociais (KAULING, 2017). Política e industrialização foram evidências que regeram as normas da sociedade, por meio de um valor soberano cujo “objetivo do intelectual era fazer com que esse universal tomasse força de lei. É essa a ideologia político moral” (MAFFESOLI, 2010b, p. 248). Em decorrência dessa lógica, a natureza era considerada apenas mais uma fonte a ser explorada, já que o homem era o grande dominador, e as conseqüências disso ainda não tinham relevância.

Maffesoli (2010a, p. 191) pontua que o individualismo estava em seu ápice na modernidade, já que as cidades cresciam e se desenvolviam industrialmente de forma nunca imaginada, conferindo um cenário de mais liberdade para as pessoas, fortalecida pelas ideologias de poder, progresso, independência e domínio.

Tudo isso revelou uma inquietação social, despertada com o tempo. A industrialização massificada e a ideia de consumo, que antes apontava

para uma vida feliz, trouxe problemas ambientais como o descarte e a produção de lixo. As consequências dos delírios de consumo do pós-guerra, afetaram fortemente o futuro da nova era. No entanto, as principais características da era moderna não deixaram de existir; elas coexistem com os ideais pós-modernos “mas não são mais tomados isoladamente, inscrevem-se num conjunto que ultrapassa e engloba cada um deles” (MAFFESOLI, 2010b, p. 200-201). Assim, Maffesoli (2010a) apresenta a transição da “lógica da identidade”, existência do homem consciente de suas ações, que prevaleceu durante toda a modernidade, para a “lógica da identificação”, que traz à tona as pessoas, como seres variáveis, que podem assumir máscaras e ter identificações diferentes.

Do individualismo para o tribalismo, do racionalismo para o sentimentalismo, da objetividade à subjetividade, do poder à potência, eis algumas migrações que ocorrem entre as eras moderna e pós-moderna. As mudanças dos preceitos modernos para o surgimento dessa nova cultura passaram a ser notadas com a mudança da percepção social sobre os ideais longínquos e políticos, bem como a descrença na moral pregada como universal (MAFFESOLI, 2010a). Esse novo período trouxe a diversidade de ideias, e a consequente formação de grupos com aprofundamento das relações sociais e afastamento do “unanismo” presente até então (MAFFESOLI, 2010b, p. 153). Por isso, a pós modernidade é fluida, leve, inconstante, instantânea, dissipando os conceitos sólidos e enraizados do intelectualismo moderno.

Cientificamente, na modernidade, estudos que não tivessem relevância prática para o que estava acontecendo eram desincentivados, como, por exemplo, o conceito do imaginário proposto pelo sociólogo Gilbert Durand (1921-2012) e também estudado por Michel Maffesoli. Na pós modernidade, esses assuntos voltaram a ser discutidos e aprofundados. O estudo do cotidiano, das paixões coletivas ganham novamente oportunidade de se tornarem pesquisas científicas e acadêmicas.

Ritzmann et al. (2012, p. 138) informa que o imaginário de Durand “é um organismo dinâmico, uma matriz criadora responsável pela formação de todas as expressões humanas” e é independente das atitudes, “pois todo pensamento humano é uma re-presentação, ou seja, re-presentar-se significa estar em movimento de criação e de recriação, sendo o imaginário o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”. O autor ainda diz que esse imaginário é a conexão entre o ser humano e o mundo, além de estabelecer mais pontes, seja entre o ser individual e os demais, seja entre o ser consigo mesmo. Em outras palavras, é “um ciclo dinâmico de reflexão e re-direcionamento” (RITZMANN et al., 2012, p. 138).

Em entrevista concedida em Paris no ano de 2001, Maffesoli define o conceito de imaginário como uma aura, aquilo que está além do objeto puro, uma atmosfera que envolve e não é visível, mas podemos senti-la, sendo impalpável, porém real. O autor diz que “o imaginário é o estado de espírito de um grupo” e estabelece vínculos, chamando de “cimento social” (FAMECOS, 2001, p. 3). Para Ritzmann et al. (2012, p. 142), o ser humano emana uma necessidade de interação com o mundo, “com sua sociedade complexa e sistêmica” cujos meios e normas culturais agem

para a realização de ações para a satisfação de suas necessidades e vontades.

Assim, o imaginário possibilita essa aproximação com os aspectos sociais por meio de uma visão compreensiva e intuitiva, tal como a moda com sua visão dicotômica que, ao mesmo tempo em que “nos individualiza pelo exercício de nossas escolhas vestimentares e de aparência, nos insere num mundo social maior” (CIDREIRA, 2014, p. 7). Pode-se afirmar que se vestir é uma necessidade e vontade humana. O que vestimos pode transmitir mensagens ainda mais complexas, que vão além de uma simples roupa, pois as imagens contidas no imaginário social representam, com o tempo, os reflexos de efervescências sociais legitimadas. O ato de pertencer permite aderir a essas influências que permeiam esse imaginário, que ao se disseminarem, se transformam em cultura.

2.2 *Fast Fashion e Slow Fashion: um paradoxo*

A era moderna e o desenvolvimento industrial causaram impactos relevantes, tanto positivos quanto negativos para a sociedade. No entanto, foram os danos que serviram de base para os questionamentos da sociedade pós-moderna, como por exemplo “a degradação do ambiente natural, a perda da biodiversidade, as mudanças climáticas, o desperdício e uso leviano dos recursos naturais, o crescimento excessivo do lixo e, a fome e a miséria” (BERLIM, 2015 p. 17). Entende-se que essas foram algumas das consequências que retomaram uma nova movimentação social acerca dos tempos atuais.

Para Maffesoli (2010c), a sociedade contemporânea vive um momento paradoxal, em que velhas ideais coexistem com novas ideias, proporcionando uma metamorfose social. A época troca de pele, afirma Maffesoli (2010c, p. 26); a sociedade está saturada e precisa de ressignificação. Essa troca de pele, como para os animais, é um momento de morte e, ao mesmo tempo, renovação. Na moda, também é possível observar essa transição entre as eras moderna e pós-moderna, por meio de dois fenômenos, o *fast fashion* e *slow fashion*. Ambos são potências esperando atualização, ou seja, aguardam o momento oportuno de serem revelados, ao fazerem a exposição do que está ali, intangível.

Iniciando pelo reflexo social moderno, o *fast fashion*, segundo Santos (2017, p. 2), foi um termo “forjado pelas grandes corporações do mundo da moda para fazer referência à produção rápida, compacta e contínua de novas coleções de roupas em um curto período de tempo, envolvendo alta circulação de mercadorias nas prateleiras”. Cachon e Swinney (2011), complementam-no ao ressaltar os curtos prazos tanto de produção quanto de entrega, que, nesse sistema, são possíveis devido ao desenvolvimento tecnológico de maquinário e sistemas, facilitando todas as etapas do processo de produção e distribuição de vestuário.

Munhoz (2012) afirma que esse sistema não adota os desfiles como sua principal forma de comunicação, como as grandes marcas tradicionais costumam fazer. No entanto, essa estratégia conquistou pessoas e empresas importantes do ramo através dos seus benefícios, trazendo consigo uma nova visão de mercado. Isso trazia a ideia de que o imediatismo do consumidor era possível em termos de produção.

Além disso, houve também a percepção de que maiores quantidades de produtos não significam mais estoque e prejuízo, mas sim mais possibilidades de efetivação de venda. Com isso, o custo-benefício que esse sistema oferecia aos empresários era muito convidativo. No entanto, Santos (2017, p. 5) afirma que essa forma de produção se beneficiou de países mais pobres “não apenas pela condição de miséria da população, mas também pelos privilégios econômicos concedidos pelos governos destes países, através da isenção de impostos, da manutenção de empresas prestadoras de serviços e da baixa fiscalização”. Este cenário, somado ao fenômeno da globalização, possibilitou a oferta de mão-de-obra extremamente barata, incentivando a utilização cada vez maior da terceirização da confecção.

O *fast fashion* tem sido apontado como um grande vilão da moda. Entretanto, sob a abordagem da sociologia compreensiva, é possível perceber que todas as questões sociais têm seus pontos positivos, negativos e um porquê de ser. A sociedade tornou-se veloz, e a moda, com seu dinamismo incontestável, responde prontamente aos anseios sociais, materializando-os. Esta forma rápida de produção mostra a adaptação da moda aos preceitos modernos dos séculos XIX e XX, sob a visão progressista de uma sociedade industrial.

A pós-modernidade aponta mudanças na cultura e nas maneiras de socialização que rompem com esse modelo de existência (MAFFESOLI, 2010c). Respondendo aos efeitos pós-modernos, a moda inicia um movimento de questionamento sobre os impactos da modernidade nos tempos atuais – nesse caso, o lado negativo do *fast fashion*. A exploração laboral, a insustentabilidade do planeta, a forma antiética de produção esbarram nos direcionamentos pós-modernos, causando uma corrente contrária, que logo poderá ser disseminada como cultura.

O movimento *slow*, nas mais diversas áreas, se baseia no desenvolvimento sustentável, de forma a desacelerar os impactos negativos que o *fast fashion* tem causado ao meio social e ao meio ambiental. Na moda, o *slow fashion* surge no intuito de conscientizar sob uma “nova forma de consumir moda que unifica princípios éticos, conscientes e de sustentabilidade no enfrentamento ao trabalho escravo” (SANTOS, 2017, p. 2 apud FLETCHER, 2007). Esse questionamento sobre as formas de produção da moda, a origem dos produtos e as questões sociais e ambientais envolvidas “pode apresentar várias nomenclaturas, tais como Eco Fashion, Eco Moda, Moda Sustentável, Moda Consciente, Moda Responsável, Moda Ética, *Greenfashion* e *Slow Fashion*” (BERLIM, 2017, p. 10). Munhoz (2012) pontua que os resultados não se limitam às críticas, mas também despertam para métodos alternativos na produção de artigos de moda.

Segundo Santos (2017), o *slow fashion* foi um termo criado a partir do movimento *slow food* de 1986, originado na Itália com Carlo Petrini, que já trazia cunho ambiental, bem como buscava enaltecer o produtor local e conscientizar o consumidor sobre a importância de valorizar a cultura, as tradições e as atividades agrícolas regionais. Morelli (2010) complementa que o *slow fashion* nasceu como uma derivação deste movimento, ganhando notoriedade a partir de 2008 como uma alternativa para a crise que se instalava. Trazendo o conceito de desaceleração, essa derivação na moda, sugeria peças que persistem por

mais de uma coleção, com durabilidade e qualidade, a fim de adotar um novo estilo de vida e uma nova forma de consumo de roupas. Para Kauling (2017, p. 69), os aspectos do *slow fashion* são

relativamente recentes e trazem essa efervescência que está apontando sobre a moda como expressão social e cultural, propondo ações positivas de mudança nas comunidades e desconstruindo os padrões da moda vigente, bem como desenvolvendo novas perspectivas sociais. Busca também reconhecer talentos locais, provocar a criatividade, manifestar a identidade cultural e impulsionar a visão de desaceleração, sustentabilidade e inovação social. É a diretriz de uma moda mais humanizada, com preocupações até então não pensadas. É uma moda que valoriza o resgate da sabedoria (consciência sustentável), da sensibilidade, da cultura e dos trabalhos artísticos.

Entretanto, há um outro lado do *slow fashion* sendo refletido: a elitização e o aproveitamento dessas vertentes sustentáveis para obtenção de lucro, mas não propriamente a uma mudança de consciência. Com produtos de qualidade e, muitas vezes, com preço superiores, Santos (2017, p. 10) afirma que este sistema não é alcançável a toda a população, sendo “um ícone de *status* e não uma mudança, de fato, no consumo da moda e no processo de conscientização acerca do trabalho escravo”. Além disso, Morelli (2010, p. 3) diz que muitas empresas apenas utilizam da sustentabilidade como *marketing* visto que “tratam seus funcionários como máquinas ou, no calar da noite, despejam lixo em riachos próximo da empresa prejudicando as comunidades que residem próximo a região e agredindo o meio ambiente”. Isto é, explorar a sustentabilidade, presente no imaginário da sociedade pós-moderna, como uma ferramenta de obtenção de lucro sem instaurar estes princípios efetivamente. Contudo, é cedo para afirmar esses desvios, visto que Maffesoli nos alerta que apenas adentramos na era pós-moderna. Tudo isso, tanto aspectos positivos quanto negativos desses fenômenos de moda, são efervescências, são lampejos de direcionamentos possíveis que só o tempo mostrará se foram efetivados como cultura, ou seja, incorporados à sociedade.

Refletindo sobre os dois sistemas de moda, *fast fashion* e *slow fashion* é possível interpretar que, de maneira geral, eles funcionam de forma paradoxal, pois cursam caminhos diferentes para atingir seus objetivos. Entretanto, nada mais são que os reflexos de períodos históricos e sociais que serviram de base para a sua constituição. Maffesoli (2010c) afirma que a diretriz modernista remetia ao **indivíduo, razão, economia e progresso** e que esses conceitos estão saturados como regras que norteiam o ser humano, uma vez que não são mais suficientes para a solucionar as questões e as mudanças do novo milênio. Essa transição de um sistema de produção para outro não é simples, sendo relacionada pelo autor com o termo apocalipse, “aquilo que revela o que está oculto. [...] Aquilo que, além das representações a que estamos por demais acostumados, torna presente, faz a apresentação do que está ali, indubitável, irrefutável, intangível” (Maffesoli, 2010c, p. 23). Além disso, esse processo de mudança não é imediato, e sim um processo que vem sendo construído com base em muitas facetas do todo que é o mercado, a moda e a sociedade.

Os sentimentos coletivos e a preocupação ambiental em detrimento do benefício econômico entraram em questão; por outro lado, as possibilidades de caminhos aumentam em uma velocidade nunca antes vista. Lembrando da teoria do imaginário de Durand, citada no tópico anterior, Ritzmann et al. (2012, p. 138) afirmam que,

a sociedade contemporânea vive uma relação ambivalente com a imagem pois, se por um lado há uma idolatria pela possibilidade de armazenagem, pela qualidade de produção, facilidade de reprodução e disseminação, há também, uma grande ‘desconfiança’, um temor da exposição excessiva e desabonadora.

Esse temor à exposição desabonadora – ou seja, de serem relacionadas no imaginário de cada pessoa, aos pontos negativos de suas escolhas nos métodos de produção – também está presente nos agentes participantes de ambos os sistemas citados. Representantes tanto de empresas *slow* quanto do *fast*, vem buscando iniciativas para solucionar ou amenizar os problemas apontados.

O *slow fashion* engloba não só marcas que vendem produtos de moda, mas também iniciativas que permitem o compartilhamento de roupas ou outras soluções para desincentivar o consumo de produtos novos e mostrar novas possibilidades com peças que já existem. Santos (2017, p. 10) diz que atualmente está se difundindo a ideia das Roupatecas, que nada mais é, do que o compartilhamento de peças de vestuário, pagando uma mensalidade. Apesar de ainda envolver valores, abre a possibilidade de os participantes terem uma grande variedade de peças a sua disposição e, ao mesmo tempo, participarem de uma iniciativa sustentável.

Grandes marcas representantes do *fast fashion*, com a crescente cobranças a respeito de seus danos, também estão implementando iniciativas sustentáveis. São exemplos a “comercialização de “roupas éticas”, como a *Conscious Collection* da H&M; de roupas com etiquetas que indicam o uso de algodão orgânico (C&A, Mark&Spencer e H&M); peças com inserção de artesanato ou com certificações de *fair trade* (Mark&Spencer e Top Shop)” (BERLIM, 2017, p. 11).

São os sinais da saturação apontada por Michel Maffesoli (2011) o ápice resultando no seu declínio. Kauling (2017, p. 63) complementa e resume essa influência mútua, dizendo que “a moda vive um momento paradoxal. De um lado a produção massificada e acelerada da moda rápida (*fast fashion*), de outro, movimentos em prol da sustentabilidade (*slow fashion*)”. Maffesoli (2010c, p. 38-39) também diz que “o jogo da diferença, longe de empobrecer, enriquece. Afinal uma composição desse tipo pode participar de uma melodia social de ritmo talvez um pouco mais brusco, mas não menos dinâmico”, ou seja, apesar de serem diferentes em diversos aspectos, um só existe por causa do outro; é um ciclo não linear, que se repete, de formas e em tempos diferentes.

2.3 Transição entre os fenômenos *fast fashion* e *slow fashion*

O ritmo, para Maffesoli (2010c, p. 92), “é ao mesmo tempo fluxo e fonte”. Esse ritmo social é dialógico, é o equilíbrio entre movimento e repouso, nomadismo e sedentarismo, luz e sombra, que marcam a sensibilidade pós-moderna. Após a explanação paradoxal entre *fast fashion* e o *slow fashion*, a saturação proposta por Maffesoli e a bacia

semântica de Durand, é possível relacionar o processo que ocorre no percurso do nascimento de um movimento, seu auge e o florescimento daquele que irá se sobrepor em seguida.

“Permitir a eclosão das coisas. Favorecê-las sem forçar”, já dizia Maffesoli (2011, p. 96). Corroborando com a ideia de mudança, e relacionando-a com o campo da moda, percebe-se que o pronto-para-vestir foi uma aceleração nesse sistema de produção. Logo, entende-se que, antes desse método se difundir, os anteriores eram mais lentos, mais longos — e podemos assim dizer *slow*, denominação atual que, como já vimos anteriormente, está ganhando notoriedade novamente nos ideais de moda do século XXI. Kauling (217, p. 73) afirma que

a moda muda, porque se muda o espírito do tempo. E ela é, a única que consegue, instantaneamente, traduzir o desejo de novidade da prática social. Toda efervescência, ou seja, toda mudança, surge de uma ondulação, de um abalo, de um movimento de indignação ou contraposição.

Entender o *fast fashion* e o *slow fashion* enquanto consequências sociais essenciais de cada época vivida, leva a pensar em como acontece essa passagem de um fenômeno a outro. Vicent-Ricard (2008, p. 188) diz que “existe uma concordância incrível, porém real, entre a trama da história humana e a da história têxtil, entre o processo informático e o entrelaçamento das texturas”. A autora complementa que,

na verdade, o tecido se baseia numa determinada combinação, a codificação binária do cruzamento dos fios: o fio preso, outro saltado. O próprio computador funciona com base numa combinação expressa em forma binária, mediante uma sequência de 1 ou 0. A partir dessa aritmética tão simples são possíveis milhões de montagens, pela passagem ou pela interrupção do impulso elétrico.

Assim, partindo de uma combinação simples, surgem inúmeras possibilidades. Da mesma forma, um episódio histórico pode ocasionar grandes ondulações sociais fracionadas, simultâneas e não-lineares. Munhoz (2012, p. 22) afirma que é importante “pensar na moda como uma das dirigentes do processo histórico de transição entre a modernidade e a pós-modernidade, justamente porque partem dela os princípios que regem o novo espírito das sociedades”. Isso tem a ver com os grandes ciclos sociais que marcam a história. Em 40 anos, dois grandes conflitos abalaram e desestabilizaram o mundo, mas, ao mesmo tempo, esses também foram o *start* para grandes evoluções no modo de vida social, como, por exemplo, a industrialização em massa do pós-guerra em 1945. Nasce, nesse período, o pronto-para-vestir ou mais conhecido como *prêt-à-porter*, um sistema de produção acelerado, se comparado ao método adotado até então, principalmente à alta costura (VICENT-RICARD, 2008).

A compreensão dessa transição pode ser associada ao fluxo da Bacia Semântica de Durand, “a qual estão — de forma dinâmica — latentes os sentidos e significados que damos ao mundo e onde podemos ‘nos banhar’, ou seja, criar e construir novos significados” (RITZMANN et al., 2012, p. 139). Ritzmann et al. (2012, p. 142) explica que essa bacia semântica foi dividida em seis etapas, e exemplificadas através das correntes de rios, que simbolizam o fluxo contínuo e mostram como uma vertente pequena pode virar um grande rio. No

entanto, apesar de parecerem descritas de forma linear, o percurso de cada movimento ou corrente é particular e, normalmente, escoo de maneira aleatória. As fases do conceito descritas por Legros de “fluxos das águas”, com base na bacia semântica de Durand (Ritzmann et al., 2007, p. 156 apud Durand, 1996, p. 89-90) estão no quadro abaixo.

Quadro 1: Seis fases da bacia semântica

1ª Fase Escoamentos	Correntes desordenadas e antagônicas. Podem surgir movimentos que vão formar os novos imaginários, novas mudanças estruturais.
2ª Fase Divisão das águas	Os escoamentos se agrupam, formando partidos ou escolas, ele denomina este o “tempo das quarelas”.
3ª Fase Confluências	Uma nova corrente formada necessita ser reconhecida por representantes do seu meio. Junção de alguns escoamentos, que se opõem aos estados imaginários precedente.
4ª Fase O nome do rio	Essa corrente realmente torna-se o todo, o rio, alcança seu apogeu. Identifica-se o movimento.
5ª Fase Organização dos rios	Caracterizada por exageros, é quando essa nova corrente vai além dos seus limites. É a teorização de uma filosofia dos fluxos imaginários.
6ª Fase Esgotamento dos deltas	O condutor do imaginário transportado ao longo do percurso se desgasta e atinge uma saturação limite, deixando-se penetrar aos poucos por outros escoamentos. Surgem as novas pequenas correntes com que virão a constituir um novo rio.

Fonte: Adaptado de Legros (2007) e Ritzmann et al. (2012)

Segundo Ritzmann et al. (2012) esse percurso pode levar cerca de 150 a 180 anos. Seria um tempo de abastecimento constante do imaginário coletivo/social por quatro gerações, em média.

Assim, é possível estabelecer a relação do movimento cíclico da saturação proposta por Maffesoli e da bacia semântica de Durand com as mudanças que ocorreram na moda nos últimos tempos. O *fast fashion*, é um reflexo dessa corrente de águas que se iniciou na modernidade por meio da Revolução Industrial no século XIX e se intensificou durante todo o século XX. Seus exageros foram percebidos e se tornaram fontes para novas correntes. O *slow fashion*, fruto dessas inquietações sobre as consequências modernas, está no início do seu trajeto e tem um longo percurso pela frente. Pode-se perceber que o movimento já é conhecido, mas desconhecemos o caminho que irá seguir e onde irá chegar. Nesse momento, novos escoamentos estão surgindo sem ao menos percebermos e eles podem mudar o rumo ou não das culturas que estão tentando se instituir.

3 Metodologia

A sociologia compreensiva é um método de pesquisa atual que trabalha questões empíricas da sociedade. A importância acadêmica é identificada nas entrelinhas e na subjetividade do cotidiano. Perpassa o conceito fechado e totalitário que, muitas vezes, ignoram a metáfora e as analogias apresentadas nas práticas e conteúdos sociais. Como metodologia para desenvolvimento do presente artigo, foi escolhida

uma abordagem compreensiva, a qual segundo Cidreira (2014, p. 14) afirma que,

em linhas gerais, opõe-se ao paradigma positivista, refutando, portanto, a existência de um mundo real, de uma realidade exterior ao sujeito. Nesse sentido, a abordagem compreensiva afirma a interdependência do objeto e do sujeito, assinalando, desse modo, que os objetos são dependentes das características sociais e pessoais das pessoas que os observam e constituem. Postula que os fatos humanos ou sociais são fatos portadores de significações veiculadas pelos atores (homens, grupos, instituições...), partes constituintes de uma situação inter-humana.

Na sociologia compreensiva, nega-se às verdades absolutas, entendendo que tudo deve ser estudado de acordo com o contexto em que se insere, sendo, portanto, relativo. O todo forma-se pelas relações de cada componente social, tirando o indivíduo do foco e trazendo a sociedade e suas construções como melhor forma de estudar os seus próprios fenômenos (ASHTON, 2008). Sendo assim “é preciso entender que a abordagem compreensiva constitui-se como uma pesquisa do sentido, atenta às intenções, motivações, valores dos atores, crenças, tudo, enfim, que justifica, de maneira subjetiva, as ações dos sujeitos sociais” (CIDREIRA, 2014, p. 8). A partir dessa subjetividade, que é o foco nessa metodologia escolhida, é possível estabelecer relação com a área do presente estudo.

A moda apresenta-se como um fenômeno complexo, composta, em partes, por aspectos materiais, mas também possui elementos simbólicos e, por isso, divide opiniões. Há quem a julgue fútil, muitas vezes, por só enxergar a superficialidade do consumo, mas também é uma área que instiga estudiosos das mais diversas formações, por sua interdisciplinaridade (CIDREIRA, 2014). Por isso, refletir sobre o fenômeno da moda, entendendo-a por esse composto paradoxo, abarca uma compreensão menos totalitária sobre seus aspectos, sejam eles positivos ou negativos.

3.1 *Fashion Revolution* como objeto de estudo

No intuito de tornar as reflexões dessa pesquisa mais claras, o objeto de estudo – o movimento social *Fashion Revolution* – é capaz de exemplificar essa transição cíclica social apresentada pelos conceitos de “Saturação” de Maffesoli e “Fluxo das águas” de Durand.

Os movimentos sociais são “tentativas coletivas de promover um interesse comum ou garantir um objetivo comum fora da esfera das instituições estabelecidas” (GIDDENS, 2012, p. 713), podendo assumir diversas formações, duração e proporções diferentes entre si. Esses movimentos têm muita potência social e se fizeram notáveis nos mais diversos problemas da sociedade, como, por exemplo, o CLCS (*Southern Christian Leadership Conference*), movimento promovido por negros nos Estados Unidos, liderado por Martin Luther King e que resultou em direitos civis e o feminismo que, desde o século XX, vem trazendo conquistas para as mulheres em todos os âmbitos sociais.

Conforme Berlim (2017), os movimentos sociais que têm relação direta com a moda, tiveram início junto com a virada do milênio em universidades e ONGs (Organizações não Governamentais), entre os quais se destacam o *Ethical Fashion Show*. Ele teve um papel inicial

importante na difusão e na preocupação socioambiental sobre o mercado de moda, bem como protagonizou demais eventos que, futuramente, configurariam-se como o mercado alternativo. Sobre os movimentos sociais na moda, Berlim (2017, p. 7-8) afirma que,

nos últimos dez anos, indivíduos comuns, não necessariamente ligados a movimentos, e diversos grupos de designers e movimentos, como o *slow fashion*, a ONG britânica *Fashion Revolution* e outros, ligados ao consumo consciente, assim como manifestações e frequentes campanhas de boicote às marcas que apresentam produção baseada em sweatshops, na degradação ambiental e/ou no uso de peles e pelos animais, vêm reconfigurando as críticas éticas à moda amalgamando-as e alterando as duas expressões. Assim, a dimensão ética e social da crítica encontrou no campo da moda, na contemporaneidade, uma interseção com a dimensão estética, assumindo novos discursos e assinalando uma reorganização da crítica.

Esses movimentos foram ganhando força e proporções cada vez maiores e isso pode ser percebido de diversas formas. Podem-se citar exemplos distintos, porém ambos resultados desses movimentos. Um deles é o lançamento do livro da designer Suzanne Lee, *Fashioning the Future: Tomorrow's Wardrobe*, que foi publicado em 2005 e levantou essa temática em um ano em que os questionamentos sobre sustentabilidade na moda ainda não tinham as atuais proporções. Outro exemplo reflete como a moda *slow* alcançou também marcas consolidadas. A Adidas, em 2015, lançou um tênis ecologicamente correto, já que tinha como matéria prima, plástico retirado dos oceanos; esse projeto foi desenvolvido em parceria com a ONG *Parley for the Ocean* (BERLIM, 2017).

Entretanto, entre esses dois fatos importantes, houve um acontecimento que impulsionou o que, até então, era apenas um movimento com pouco engajamento popular e praticamente percebido apenas ou por profissionais do ramo da moda, ou por ambientalistas. O desabamento do edifício Rana Plaza em Bangladesh³, chamou a atenção da população e consumidores para um problema que já vinha sendo apontado há mais de uma década e resultou na criação de uma das ONGs mais fortes do movimento, o *Fashion Revolution*. O site oficial do movimento *Fashion Revolution* (2019) informa que

a campanha #QuemFezMinhasRoupas surgiu para aumentar a conscientização sobre o verdadeiro custo da moda e seu impacto no mundo, em todas as fases do processo de produção e consumo. Realizado inicialmente no dia 24 de abril, o *Fashion Revolution Day* ganhou força e hoje tornou-se a *Fashion Revolution Week*, que conta com atividades promovidas por núcleos voluntários, em mais de 100 países.

O movimento tem como objetivo conscientizar as marcas sobre a sustentabilidade dos seus negócios em todos os aspectos e a não exploração de vidas. Isso cresce mundialmente, já que, em todos os anos, diversas instituições ligadas a moda, principalmente instituições de ensino, fazem eventos como palestras, debates, mesas redondas, exposições e *workshops*, para levantar esta bandeira e levar esse

³ O acidente causou a morte de 1.134 trabalhadores da indústria de confecção e deixou mais de 2.500 feridos. A tragédia aconteceu no dia 24 de abril de 2013, e as vítimas trabalhavam para marcas globais, em condições análogas à escravidão. Informação retirada do site oficial do movimento *Fashion Revolution*.

questionamento a mais pessoas. Em 2018, o *Fashion Revolution* atingiu 23 mil pessoas e, dentre elas, 400 voluntários, em quase 50 cidades diferentes no Brasil. Foram 38 embaixadores que atuaram no meio acadêmico e que, ao todo, organizaram 733 eventos, representando uma grande evolução em comparação ao ano anterior, que teve 255. (FASHION REVOLUTION, 2019).

O *Fashion Revolution*, originado em 2014, ainda considerado um movimento social recente, segue atuante e a cada ano encontra-se mais encorpado, com ações mais definidas, intensas e apoiadas por maior número de pessoas e instituições. Trata-se de uma iniciativa que traz a potência da força social por meio de evidências empíricas, resultantes do estilo de vida moderno e de suas lamentáveis consequências sociais e ambientais. Portanto, a partir do objeto de estudo apresentado, junto aos conceitos de Durand e Maffesoli, além do paradoxo entre o *fast fashion* e o *slow fashion*, a análise central do presente estudo é viabilizada.

4 Reflexões teóricas e associações com o *Fashion Revolution*

A moda, assim como muitos aspectos da sociedade, é ampla em suas formas de atuação e atinge a todos. Da mesma forma, é possível observar, neste mercado, os reflexos do momento social contemporâneo. O sistema de produção denominado *fast fashion*, assim como a sua tradução literal no português, “moda rápida”, seguiu os preceitos de uma sociedade moderna, em que a industrialização acelerou os processos. Os benefícios disso se sobressaiam aos problemas, cujas consequências só foram observadas a longo prazo. No entanto, quando percebidas, não puderam mais ser ignoradas; esses problemas tornaram-se o foco dos olhares atentos e questionadores da pós-modernidade. As efervescências sociais deram sinais de esgotamento, enquanto outras surgiram fervorosamente. O sistema moderno precisava fluir, porém, após um crescimento desenfreado de volume de produção e consumo durante décadas, as consequências tornaram-se evidentes. Esse fato, somado à mudança de posicionamento do homem em sociedade, em que o individualismo deu lugar a reflexão coletiva, resultou em diversos movimentos, sendo na moda, atualmente, o *slow fashion*.

Maffesoli (2010c) fala deste movimento de mudanças tratando-o como cíclico e constante, e, apesar de se apresentar com características diferentes, coisas vão e vem, aparecem e desaparecem, ressignificadas. No entanto, o conceito de saturação proposto pelo autor afirma que, nestes ciclos, observam-se momentos em que atingir o ápice (apogeu) motiva o declínio (hipogeu), sendo, ao mesmo tempo, fonte para novos movimentos. Durand (Legros, 2007, p. 89-90 apud Durand, 1996) complementa descrevendo como esse processo acontece socialmente, através do conceito de imaginário e das seis fases da bacia semântica.

Entrando de fato na transição, como dito anteriormente, este é um processo longo, e estamos atravessando por ele neste momento. Entretanto, a transição é contínua, como uma roda gigante que nunca para, que sobe e desce lentamente. Os sinais iniciais mundiais com preocupação ambiental aparecem oficialmente na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em 1972, ocorrida em

Estocolmo, Suécia, representando uma evidência de mudança social a contra-fluxo do que estava ocorrendo no momento. Pode-se relacionar esse evento com a primeira fase da bacia semântica, em que surgem questões aleatórias e de ações isoladas com o contexto vigente. Vinte anos mais tarde, a ECO-92 trouxe a ideia de desenvolvimento sustentável para a agenda pública, de forma inédita. Realizada no Rio de Janeiro, essa conferência adotou a Agenda 21, uma espécie de esquema que demonstrava preocupação com a proteção do planeta e uma tentativa de voltar os olhares à sustentabilidade. Entretanto, na prática social, tais ações não eram vistas como prioridade. Movimentos sociais com ativistas do *Greenpeace*⁴ agem desde 1971, com manifestações radicais sobre consciência ambiental, representando o escoamento, a divisão das águas e as confluências que dão vez a outras movimentações sociais.

Falar sobre *fast fashion* e *slow fashion* é importante, porém o mais relevante para essa pesquisa é entender, de fato, sob o ponto de vista sociológico compreensivo, a transição social entre os dois fenômenos. Os movimentos *slow* representam para Durand (1996) a fase das “confluências”, ou seja, quando um novo fenômeno está em processo de reconhecimento. O *Fashion Revolution*, que iniciou principalmente para questionar as marcas de moda sobre seus métodos de produção, teve o acidente na confecção em Bangladesh como motivação principal para o início de suas ações. Tem-se, a partir disso, dois pontos marcantes correlacionados e é possível, através deles, estabelecer relação com as fases da bacia semântica.

A quinta fase é o momento em que os exageros da corrente vigente, o *fast fashion*, tornam-se evidentes – sendo o acidente no Rana Plaza um exemplo –; ao mesmo tempo, servem de base para a fortificação de novas correntes. O *Fashion Revolution* vai ao encontro dessa nova corrente em formação, enfrentando o fluxo maior e dominante do *fast fashion*.

A partir do *Fashion Revolution*, o *slow fashion* ganhou visibilidade, representando mais uma parte desse processo de mudança de um sistema de produção para outro, bem como de uma nova forma de refletir sobre tudo o que embasou a era moderna. Essas características podem representar a terceira etapa da bacia semântica de Durand, já que, nesta fase, a nova corrente em oposição à corrente vigente – o *fast fashion* – estaria em processo de reconhecimento pelos agentes relacionados nas mais diversas áreas do ramo em que se insere, sendo, neste caso, o da moda.

É importante ressaltar que esse ciclo nem sempre é linear, e o caminho que cada corrente percorre é particular, único e inconstante, influenciado por diversos fatores externos e internos. Ainda seguindo seu fluxo, é difícil prever qual será o futuro do *slow fashion*. O que pode ser observado até o momento é que o *Fashion Revolution* está crescendo de forma relevante e ganhando proporções que podem legitimar esta nova corrente. Isso porque é um trabalho já inserido na base, que são as faculdades de moda, instigando e envolvendo professores e alunos a

⁴ É uma organização não governamental, fundada em 1971 e com atuação em mais de 40 países. Tem como objetivo investigar e denunciar crimes ambientais, bem como incentivar soluções sustentáveis. Mais informações na página oficial da ONG: <https://www.greenpeace.org/brasil>.

questionarem as empresas de moda, atingindo não só os profissionais da área, mas também os consumidores. Por isso, o *Fashion Revolution* pode ser a principal engrenagem para uma nova lógica de produção e comercialização de artigos de moda. Da mesma forma, o *Fashion Revolution* pode simplesmente não conseguir ultrapassar algumas barreiras sociais, conforme outras evidências vão surgindo, e se tornar apenas mais um movimento que passou sem ter alcançado seu ápice.

Assim como a modernidade e tudo que dela resultou estão passando por profundas mudanças, o *slow fashion*, como corrente pós-moderna, pode vir a ser o novo modelo de produção adotado pelas empresas de moda. No entanto, outras correntes, diferentes e/ou derivadas do *fast*, do *slow* ou de uma terceira desconhecida, podem surgir e se tornarem as protagonistas desse movimento cíclico e continuamente em transição. A imprevisibilidade dos aspectos sociais é o que faz o fluxo das águas seguir por caminhos ora desconhecidos ora familiares, gerando novas correntes ou velhas correntes ressignificadas. O *Fashion Revolution* pode ser um fio condutor de legitimação de uma moda mais ética e consciente.

5 Considerações finais

A frase “Se o entendimento é um milagre, é um milagre cotidiano, um milagre feito por pessoas comuns e não por milagreiros profissionais” sob os reflexos de Gadamer, já corroborava Bauman (2012, p. 94). A ciência, tal como vários aspectos da sociedade, passa por um movimento de transição de uma racionalidade experimental, quantitativa, previsível, mecanicista, para uma que percebe o acaso, o aleatório, o imprevisível. Assim, o conhecimento passa a ser um processo dinâmico, inacabado e empírico, adquirido também pelas experiências cotidianas.

Sob o ponto de vista sociológico pós-moderno, verificou-se neste estudo, conceitos abordados por autores como Michel Maffesoli (saturação) e Gilbert Durand (bacia semântica), que foram relacionados com a transição das eras moderna e pós-moderna, e sua relação com as características dos fenômenos da moda, *slow fashion* e *fast fashion*. O processo de passagem entre-eras demonstra-se cíclico em que a transição é constante e acontece permanentemente. Foi possível revelar que, da mesma forma que a pós-modernidade surge em oposição às principais ideias da modernidade, o *slow fashion* se alimenta e se reproduz a partir de conceitos que trazem soluções a problemas gerados pelo *fast fashion*. Assim, o sistema de produção rápida ainda se encontra no auge e não deixou de ser praticado, apesar das críticas. No momento, encontra-se em adaptação para reduzir alguns dos seus impactos, dentro dos limites de seu funcionamento.

Também foi possível fazer uma analogia entre o *Fashion Revolution* e a metáfora do fluxo das águas, que representa a bacia semântica de Durand. Com isso, foi possível observar que algumas efervescências em relação à preocupação ambiental surgiram na década de 70. Os ativismos e movimentos sociais como *Greenpeace* davam os sinais de possíveis mudanças. Entretanto, só agora os ideais sustentáveis estão sendo disseminados e absorvidos socialmente. O *Fashion Revolution* é uma potência que pode reconduzir os caminhos da moda, ou não. Tudo

depende das correntes que seguirão e sobreviverão. Por isso, é difícil prever qual será a próxima etapa, ou quanto tempo irá se discorrer até de fato ter uma nova corrente como protagonista, já que múltiplas são as possibilidades.

Esse processo de transição não é imediato e entende-se que esta não é a primeira vez que ele acontece, e não será a última, pois os imaginários estão constantemente sendo alimentados e ressignificados, possibilitando grandes guinadas sociais. A sociedade se renova, geração após geração, sendo influenciada pelo contexto contemporâneo e, por isso, influenciando tudo que a compõe como elemento para o seu ciclo fluir e modificar-se, era após era.

Referências

- ASHTON, Mary Sandra Guerra. UMA INTRODUÇÃO ÀS IDÉIAS DE MAFFESOLI: PARA UMA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA. **Práksis**: Revista do ICHLA, Novo Hamburgo, v. 1, p. 83-87, jan. 2008. Universidade Feevale. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/638/660>>. Acesso em: 08 maio 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. Cultura como práxis. In: **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BERLIM, Lilyan. **Moda e Sustentabilidade**: Uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. 159 p.
- _____. TRANSFORMAÇÕES NA MODA: CRÍTICA ÉTICA E ESTÉTICA. In: COLÓQUIO DE MODA, 13., 2017, Bauru. **Anais...**. Bauru: Unesp, 2017. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais>>. Acesso em: 15 abr. 2019
- CACHON, Gérard P.; SWINNEY, Robert. The Value of Fast Fashion: Quick Response, Enhanced Design, and Strategic Consumer Behavior. **Management Science**, Maryland, v. 57, n. 4, p. 778-795, abr. 2011. Disponível em: <[https://pubsonline-informs.org.ez130.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1287/mnsc.1100.1303](https://pubsonline.informs.org.ez130.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1287/mnsc.1100.1303)>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas: UFRB, 2014.
- FEGHALI, Marta Kasnar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da moda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2000. 160 p.
- FASHION REVOLUTION. **Semana Fashion Revolution 2019**. Disponível em: <<https://www.fashionrevolution.org/south-america/brazil/>> Acesso em: 16 abr. 2019.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. 847 p. Revisado e atualizado com Philip W. Sutton; Tradução Ronaldo Cataldo Costa; Consultoria, supervisão e revisão técnica Fernando Coutinho Cotanda.
- KAULING, Graziela Brunhari. **As redes sociais como dispositivos do imaginário e potencializadoras simbólicas de novas formas de criação de moda**. 2017. 147 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2017.

- LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2007. 287 p. Tradução: Eduardo Portanova Barros.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010a. 309 p. Tradução: Betha Halpern Gurovitz.
- _____. **O tempo das tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. 297 p. Tradução: Maria de Lourdes Menezes.
- _____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010c. 109 p. Tradução: Ana Goldberger.
- MORELLI, Graziela. PARADOXOS DA SOCIEDADE CONTEMPORANEA: O MOVIMENTO SLOW FASHION. In: COLÓQUIO DE MODA, 7., 2010, Maringá. **Anais...** . Maringá: Cesumar, 2010. p. 1-12.
- MUNHOZ, Júlia Paula. **Um ensaio sobre o fast-fashion e o contemporâneo**. 2012. 55 f. Monografia (Especialização) – Curso de Estética e Gestão de Moda, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- RITZMANN, Iracy Gallo et al. IMAGINÁRIO E RE-PRESENTAÇÃO DAS IMAGENS DE PERFIL NO FACEBOOK. **Travessias**, Cascavel, v. 6, n. 2, p. 137-157, 2012.
- SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. Entre Fios e Desafios: Indústria da Moda, Linguagem e Trabalho Escravo na Sociedade Imperialista. **Relacult**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [s.l.], v. 3, p. 1-15, dez. 2017. Mensal. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/468/238>>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- FAMECOS. **O imaginário é uma realidade**. Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, 20 mar. 2001. Quadrimestral. Entrevista de Michel Maffesoli, concedida em Paris.
- VICENT-RICARD, Françoise. **As espirais da moda**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 249 p. Apresentação Constanza Pascolato.

Artigo enviado em: 30/07/2020. Aprovado em: 08/10/2020.